

Queremos entretanto frisar que essa coluna sonora do disse-disse ou da repetição das pequenas frases, ao lado da ironia, areja o texto, quebra a aparente rigidez do círculo familiar, a favor da forma extremamente delicada, à primeira vista precária e mortal, já que é viva, o que acaba por corroer o metal resistente da estátua do *Duce*.

Citamos um trechinho de *Todas as nossas lembranças* que pode funcionar como imagem desse sentido intencional do texto. A situação é a seguinte: Mussolini fora derrubado. Cenzo Rena, personagem central, pensa então com alívio que a Itália vai ressuscitar os seus velhos de joelhos fracos, vacilantes e suas velhas mulheres vacilantes e grisalhas:

porque a Itália não aguentava mais facistas de tórax musculosos, competições esportivas (...), cansada como estava das mulheres que o facismo pusera em moda: tetas e coxas de bronze, coroadas por espigas sobre pontes e fontes.

Ora, é contra essa forma que se estrutura a forma romanesca, refutando a hipérbole heróica e desdobrando um espaço aparentemente caótico ou caprichoso; a construção que aí se ergue é também aparentemente pouco sólida como as casas durante a guerra, diz-nos a autora em *Le piccole virtù*⁴, que podem desabar de um momento para

outro. É nesse equilíbrio delicado que a página se sustenta. Sob o desenho aéreo da superfície, conforme observa Elena Clementelli, uma trama mais espessa redimensiona a simples crônica familiar.

Há tempos, num artigo de jornal, Italo Calvino afirmou que um único ato de justo esquecimento ou de justa recuperação da memória bastaria para justificar uma vida.

Aí está o livro.

Notas

1. Há três livros da autora publicados no Brasil: *Léxico familiar*, *Caro Michele* (Paz e Terra) e *Todas as nossas lembranças* (Art Editora)
2. A. Cândido. *A educação pela noite*. (Ática)
3. In *Invito alla lettura di Natalia Ginzburg*, de Elena Clementelli
4. Natalia Ginzburg. *Le piccole virtù* (Giulio Einaudi).

Vilma Arêas

CAMPOS, Haroldo de & MANSUR, Guilherme. *Gatimanhas & Felinuras*. Ouro Preto: KatzeCaderno, 1994. 33 p.

Gatimanhas & Felinuras são poemas de Haroldo de Campos, de Guilherme Mansur, traduções de poemas de Paul Klee, Kurt Schwitters e Christopher Middleton, todos "gatematizando, vale dizer,

poemas tematizando (ou celebrando) gatos". À parte as poeticamente exatas traduções de Haroldo de Campos, o volume foi valorizado ainda mais pelo trabalho do "tipoeta" Guilherme Mansur, uma mistura de tipógrafo e poeta. O volume tem formato simples, de caderno - como convém a um exercício poético caseiro sobre gatos -, e a capa foi trabalhada artesanalmente pela artista plástica Nícia Mafra, reproduzindo, com linhas e nervuras, os bigodes-vibrissas dos gatos. É o elemento mais externo do volume - como bigodes de gato - antecipando ao leitor o fletir sinuoso de páginas e versos. Além da capa e do caligrama de Júlio Plaza, o volume conta com um encarte: uma tradução de Kurt Schwitters feita por Haroldo. É uma folha em papel artesanal de Nícia Mafra, onde o poema de Schwitters foi composto por Guilherme Mansur com restos de tipografia. Os poemas todos, de Haroldo, de Guilherme e dos demais "colaboradores especiais" procuram atingir o âmago deste enigma que é o gato, amigo e inimigo, submisso e independente, cujos olhos egípciaamente prenunciam o infinito. *Gatimanhas & Felinuras* não é apenas um livro para os que amam os felinos. Mais que isso, é uma brincadeira com todos os que buscam o abismo, ainda que nos olhos de um gato.

Gatimanhas & Felinuras, de Haroldo de Campos e Guilherme Mansur, foi relança-

do na Bienal do Livro, de São Paulo. Desta primeira edição foi feita uma tiragem de apenas quinhentos exemplares, o que o transforma, desde já, numa raridade.

Luiz Claudio Vieira de Oliveira

gato

*jade fosforescente
por sobre fios
(vibrissas)
de prata móvel*

*o ponto rosa
do nariz
o radar em ponta
das orelhas
definem a
máscara frontal:
um triângulo de
seda branca e
negra*

*o samurai
recolhe as unhas
repousa
está em recesso
em sua armadura
de plumas*

*mesmo dormindo
todo ele vibra
como se regido
por um imã
invisível
orientado para um
planeta felino
não o nosso
em contacto imediato
com o sensorio de Deus*

Haroldo de Campos

nas garras do gato

uma
mosca pousa
no almo; o
e o gato a traça
baratontas
pelos quatro cantos da casa
a o gato atrás.
aranharames
descem do teto
e o gato zás!
lesmolentas
na tábua corrida
e o gato é um ás.
a abelha vai embora.
a formiga migra.
a pulga pula fora.
nas garraS do gato
bruxas murchas,
pernilongos
e bezoutros insetos
incertos.

Guilherme Mansur

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos. 2.* ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

As histórias em quadrinhos (HQ) estão passando por um período de catástrofes quando imortais e mortais que pareciam sobreviver à virada do século, como Superman e Batman, são destruídos impledosamente por vilões a serviço de um público que até então parecia fiel. Simultaneamente, surgem novos heróis, mais humanos, capazes de sofrer e se apaixonar, de terem uma vida sobre-humana junto a atividades prosaicas do dia-a-dia, envolvidos com

problemas essencialmente urbanos. Nestes dias pós-modernos, o terror não vem do espaço; ele mora ao lado. A segunda edição de *História da história em quadrinhos* indica o interesse renovado na produção e recepção das HQ, que, se morrem um pouco cada vez que alguns de seus heróis desaparecem, recobram o fôlego com a constante criação de novas personagens.

Publicada pela primeira vez em 1987, pela LP&M, a *História* volta em edição ampliada. Os acréscimos, salvo engano justificado pela ausência de exemplar da primeira edição, parecem ocorrer principalmente ao fim da obra. Isso explica-se pela organização cronológica escolhida por Moya, em detrimento de um agrupamento do material por autor, tema ou nacionalidade, como em outros livros do assunto. O resultado, como seria de se esperar, é um passeio que começa com Rudolph Töpfer, que Moya considera um precursor já em 1827, e vai até os anos 90, com uma avalanche de novas HQ e quando a crise nacional força e exportação de criações brasileiras para a Europa e os Estados Unidos.

Moya vai além da mera listagem cronológica das HQ e fornece o contexto histórico da produção e recepção das obras. Ficamos sabendo que Goethe dizia que Töpfer, um dos precursores das HQ, "humilha o inventor mais fértil em combinações e podemos felicitar seu talento nato,